

**ENTREVISTA****ENTREVISTA COM O MÉDICO, SEXÓLOGO E ANTROPÓLOGO,  
DR. RICARDO CAVALCANTI**

por Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes

Ricardo da Cunha Cavalcanti – pernambucano, graduou-se Medicina e em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Especialista em Ginecologia pela Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo); especialista em Educação Sexual e em Terapia Sexual pela Federação Latino-Americana de Saúde e Educação Sexual. Professor universitário aposentado e escritor. Diretor do Centro de Sexologia de Brasília (Cesex) e membro de várias associações de sexologia nacionais e internacionais, como a Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana (SBRASH), Federación Latinoamericana de Sexología y Educación Sexual (Flassess) e World Association for Sexology (WAS).

**Sabemos que foi um dos fundadores da SBRASH.  
Pode nos contar como isso aconteceu?**

Tudo começou nos fins da década de 1980. Eu era, na oportunidade, o presidente da Comissão Nacional de Sexologia da Febrasgo. No Rio de Janeiro, Jean Claude Nahoum reunia toda semana um grupo de colegas para discutir temas de Ginecologia e Obstetrícia, filosofia pura e de sexologia, tanto a parte de reprodução humana quanto a sexualidade sob os diferentes aspectos culturais. A este grupo denominado de Clube da Placenta, estavam associados profissionais de outras áreas, como era o caso de Araguari Chalar Silva e Maria Teresa Maldonado, e de outras regiões do Brasil. Aqui me incluo, morando em Brasília; Nelson Vitiello, em São Paulo; e Rosires Andrade, em Curitiba. Foi desse grupo com muitos outros excelentes profissionais que nasceu a ideia de se fazer cursos de sexologia, inicialmente restritos a associados da Febrasgo e logo, também, para psicólogos e educadores em geral. Na época, nós tínhamos recursos procedentes de entidades internacionais e começamos a dar cursos para professores indicados pelas secretarias da Educação de cada um dos estados da federação. Os cursos eram ministrados por mim, Vitiello e Canella. A necessidade de um livro de texto para professores fez com que o grupo de Brasília, por mim coordenado, publicasse um livro com distribuição gratuita para professores intitulado: *Saúde sexual & reprodutiva – ensinando a ensinar*. Não demorou muito e foram publicados mais dois livros: *Sexologia I* e *Sexologia II*, frutos de nossa experiência adquirida dando cursos pelo Brasil afora. Logo sentimos a necessidade de criar, em cada estado, na Secretaria de Educação e/ou na Secretaria da Saúde um grupo permanente de divulgação e ensino de sexologia. Neste sentido, nos reunimos com Paulo Canella e Nelson Vitiello, no escritório de Vitiello

em São Paulo – um bar defronte do Instituto de Biologia onde eram servidas rãs. E entre rãs e cerveja bem gelada, nasceu a SBRASH [rindo].

**Depois de 30 anos, considera que alcançaram o objetivo ao criar esta sociedade?**

Seguramente, sim. A SBRASH foi criada com o objetivo de difundir a sexologia como uma ciência e, para isso, na maioria dos estados, temos um núcleo que se encarrega disso. É claro que a ignorância de uns e os preconceitos de outros tornam este objetivo difícil de ser plenamente atingido, mas, a duras penas, vamos caminhando, ora mais rápido ora mais lentamente.

**Como avalia a SBRASH hoje?**

Ela deu um enorme salto quando começou a fazer eventos em que sexólogos eminentes trocam ideias e definem conceitos e projetos.

**Quais os sexólogos que mais lhes inspiraram durante sua vida?**

É muito difícil responder essa pergunta porque todos que eu li me influenciaram de alguma forma. Assinalo entre os pós-freudianos Adler e Karen Horney. Entre os comportamentalistas, Skinner. Não posso deixar de mencionar Helen Singer Kaplan, Lo Piccolo, Eric Berne e, entre os comportamentalistas cognitivos, Albert Ellis, que é a linha que atualmente eu sigo.

### **Como vê a sexologia no Brasil na atualidade, neste tempo de tanta repressão ou retrocesso?**

Com a maior naturalidade. Afinal, todas as ciências tiveram uma fase inicial de descrédito, até que se firmaram. O mesmo está ocorrendo com a sexologia, com alguns agravantes. Entre os agravantes, podemos citar o fato de que o sexo, pelo menos em nossa tradição cultural, sempre foi considerado como uma coisa que se deve esconder e agora começa ganhar um *status* científico, um dom de Deus não somente para dar origem a outros seres humanos e, assim, conservar a espécie, mas também como uma mensagem prazerosa entre duas pessoas que se amam e, assim, conservar a felicidade. Os seres humanos herdaram um sexo, mas é a cultura que diz o que faremos com ele. O uso errôneo não deve ser confundido como norma.

### **E como o senhor vê o papel da SBRASH no circuito internacional?**

Com muita esperança. Quem acompanha a pequenina SBRASH de alguns anos pode constatar como ele já se tornou grande. Dentro em pouco, estaremos no “circuito internacional”. Depende em grande parte de cada um de nós, de pessoas como você, minha amiga...

### **Que mensagem o senhor pode dar para os jovens em formação na área da sexologia?**

Venham sonhar comigo. Alguém já disse: quando muitos sonham juntos é que está começando a realidade.

Salvador, 9 de outubro de 2019.

*Tereza Cristina Fagundes*

Pedagoga, mestra e doutora em Educação  
Professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
Diretora de Relacionamento da SBRASH,  
biênio 2018/2019